

**O COMPOSITOR DE MPB
NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR:
A SUBJETIVIDADE ENUNCIATIVA
A SERVIÇO DA CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DISCURSIVO**

Maria Aparecida Rocha Gouvêa (UERJ/UniFOA)
cidarochagouvea@hotmail.com

Os pressupostos teóricos sobre a enunciação de Émile Benveniste, discípulo de Saussure que propôs reflexões sobre a subjetividade na enunciação, serão a base para nossa discussão sobre o tema, com o objetivo de compreendermos como as marcas linguísticas/discursivas formam o *ethos*.

Benveniste toma a língua como sistema e propõe um mecanismo de referência que considera o sujeito e a enunciação, destacando o caráter social da língua, concebidos no consenso coletivo. Para o autor, a língua é fruto da vida em sociedade, pois o homem é fruto da cultura. Assim, a língua está a serviço do falante que pode manejá-la, inventando e reinventando novos conceitos.

A apropriação da linguagem pelo homem é a apropriação da linguagem pelo conjunto de dados que se considera que ela traduz, a apropriação da língua por todas as conquistas intelectuais que o manejo da língua permite. É algo fundamental: o processo dinâmico da língua, que permite inventar novos conceitos e, por conseguinte, refazer a língua, sobre ela mesma de algum modo. (BENVENISTE, 1989, p. 21).

Nesse processo criativo, o autor considera que a linguagem é “um meio, na verdade, o único meio de atingir outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem” (BENVENISTE, 1989, p. 93) e a língua é “um instrumento de comunicação investida de propriedades semânticas que funciona como uma máquina de produzir sentido” (BENVENISTE, 1989, p. 99). Além desses conceitos, é necessário considerar o emprego da língua – a enunciação – “um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira”. Para Benveniste (1989, p. 82), “a dificuldade é apreender este grande fenômeno, tão banal que parece se confundir com a própria língua, tão necessário que nos passa despercebido”.

O autor (1989, p. 82) define enunciação como “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, possibilitando que o EU interaja com o TU, em um dado momento.

Nessa perspectiva, é necessário considerar o discurso como o “lugar da instabilidade das estruturas, onde se criam efeitos de sentido com a infringência ordenada às leis do sistema” (FIORIN, 1999, p. 15). A instabilidade, aqui, não significa desorganização, caos, sem qualquer princípio de ordem, e sim, o não fixo, o não permanente, o flexível.

O discurso mostra que certas formas apresentadas pelo sistema como absolutamente estáveis, mudam, dadas certas condições (de ordem discursiva, é evidente), de lugar, adquirem novos valores, geram novos significados – enfim engendram o que aqueles que trabalham com discurso aprenderam a chamar efeitos de sentido. (FIORIN, 1999, p. 20).

São os efeitos de sentido produzidos nas letras das canções do período estudado que nos interessam na análise, objetivando identificar como as marcas discursivas têm poder a ponto de formar uma imagem do enunciador – o *ethos* do sujeito do discurso, inserido em determinado momento histórico, como registra Fiorin (1999, p. 42).

Como a pessoa enuncia num dado espaço e num determinado tempo, todo espaço e todo tempo organizam-se em torno do “sujeito”, tomado como ponto de referência. Assim, o espaço e o tempo estão na dependência do *eu*, que neles se enuncia. O *aqui* é o espaço do *eu* e o presente é o tempo em que coincidimos o momento do evento descrito e o ato de enunciação que o descreve. A partir desses dois elementos, organizam-se todas as relações espaciais e temporais.

A subjetividade na enunciação e a construção do *ethos*

Para Benveniste (1988, p. 286), a subjetividade “é a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’”, que enuncia num dado espaço e em determinado tempo organizados em torno do sujeito, ponto de referência da enunciação.

Os mecanismos de instauração de pessoas, espaços e tempos se dá por dois processos: a debreagem e a embreagem.

Greimas e Courtês (1979, p. 79, *apud* FIORIN, 1999, p. 43) define debreagem como

a operação em que a instância de enunciação disjunge de si e projeta pra fora de si, no momento da discursivização, certos termos ligados a sua estrutura de base, com vistas à constituição dos elementos fundadores do enunciado, isto é, pessoa, espaço e tempo.

Dessa forma, a debreagem expulsa da instância de enunciação a pessoa, o espaço e o tempo. Ao contrário, a embreagem é “o efeito de re-

torno à enunciação, produzido pela neutralização das categorias de pessoa e/ou espaço e/ou tempo, assim como pela denegação da instância do enunciado.” (FIORIN, 1999, p. 48).

Maingueneau (2008, p. 106) registra que “um enunciado não se assenta no absoluto”, pois sempre se situa em relação a alguma coisa. Dessa forma, toma como referência o próprio ato enunciativo, levando em conta as características que definem o ato da enunciação: enunciador, coenunciador, momento e lugar da enunciação. Para o autor (2008, p. 108),

chama-se embreagem o conjunto de operações pelas quais um enunciado se ancora na sua situação de enunciação, e **embreantes** (também chamados de “elementos dêiticos”, “dêiticos”, ou, às vezes, “elementos indiciais”, os elementos que no enunciado marcam essa embreagem.

Mangueneau (2008, p. 113) aponta que há duas maneiras de enunciar: plano embreado e plano não embreado.

Os enunciados embreados contêm embreantes (pessoais, temporais e/ou espaciais) relacionados com a situação de comunicação. Além desses embreantes, há “outras marcas da presença do enunciador: apreciações, interjeições, exclamações, ordens, interpelação do coenunciador...” (MAINGUENEAU, 2008, p. 113). O autor salienta que os enunciados embreados constituem a maioria dos enunciados produzidos.

Já os enunciados não embreados constroem universos autônomos, isolados da situação de enunciação, com apagamento do par eu-você. “São produzidos em determinado momento e lugar, mas apresentam-se como se estivessem desligados da sua situação de enunciação” (MAINGUENEAU, 2008, p. 114). Exemplos de enunciados não embreados são os verbetes de dicionários, os textos científicos e, em grau inferior, as generalizações, como os provérbios (“Quem tudo quer, tudo perde”).

O autor (2008, p. 122) registra que é raro um texto se desenvolver em um único plano de embreagem. Geralmente há alternância dos planos embreado e não embreado.

Neste artigo, para a análise da subjetividade na enunciação, abordaremos as categorias de pessoa e de tempo. Essas categorias, nesse momento histórico, colaboraram significativamente para a construção do *ethos* discursivo, já que estamos nos referindo a um sujeito histórico situado no tempo.

Nessa perspectiva, Amossy (2005, p. 9) afirma que “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”, que se dá através das marcas textuais presentes na enunciação.

1. A pessoa

A categoria de pessoa é essencial para a constituição do discurso. Segundo Benveniste (1988, p. 286) “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta a realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’”.

Nessa perspectiva, a subjetividade transcende as experiências vividas pelo sujeito e é fundamentada pelo *status* linguístico da “pessoa”. Entretanto, a consciência de si mesmo só é experimentada pelo contraste entre *eu* e *tu*.

A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como o *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*. A polaridade das pessoas é na linguagem a condição fundamental, cujo processo de comunicação, de que partimos, é apenas uma consequência totalmente pragmática.

Dessa forma, a primeira oposição (eu-tu) é uma estrutura de alocação pessoal que é exclusiva do homem, possibilitando uma relação em que nenhum dos dois termos se concebe sem o outro, já que são complementares e reversíveis, possível graças às formas linguísticas denominadas pela gramática de “pronomes”.

Vale ressaltar que não se deve tomar o “eu-tu” como figuras, mas como formas linguísticas que indicam a “pessoa”.

A segunda oposição (eu-tu/ele) opõe a ‘pessoa’ a ‘não pessoa’ “fundamenta a possibilidade do discurso sobre alguma coisa, sobre o mundo, sobre o que não é a alocação”. (BENVENISTE, 1988, p. 101).

Assim, a pessoa enunciativa só pode ser interpretada quando se leva em conta o movimento enunciativo do texto em que está inserida, estabelecendo com o leitor “um modo de comunicação considerado como participando do mundo evocado pelo texto” (MAINGUENEAU, 2008, p. 131).

Dessa forma, a categoria de pessoa colabora para a construção do *ethos* discursivo de diversas maneiras:

- **eu:** embreante que se refere ao enunciador. Em textos publicitários, é comumente utilizado para provocar uma identificação do leitor com o enunciador em cena.

Benveniste (1988, p. 288) ressalta que

o *eu* se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como “sujeito”.

E conclui: “a linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor apropriar-se da língua toda designando-se como *eu*.”

- **você:** embreante que se refere ao coenunciador. Pode ser utilizado para designar uma determinada categoria, sem determinantes. Nesse caso, é não embreado, pois está associado a um presente não dêitico em um fragmento que descreve uma categoria ideal, comum em textos publicitários (MAINGUENEAU, 2008, p. 127).

- **nós/vós:** embreante que se refere ao enunciador e ao coenunciador. Também é utilizado para designar “não uma soma de indivíduos, mas um sujeito coletivo”, como registra Maingueneau (2008, p. 127).

- **eles:** quando designa um grupo de pessoas, é utilizado para representar a coletividade, constituída de indivíduos indeterminados. Aparece sempre no masculino plural e sem antecedentes. Quando apresenta antecedente, é pronomo substantivo e permite outras variações gramaticais (feminino/singular).

- **o apagamento da pessoa:** ocorre quando o texto trabalha o plano não embreado, estabelecendo uma ruptura com a situação de enunciação, com ausência de vestígio dos coenunciadores. É comumente utilizado no discurso científico como estratégia para valorizar o conhecimento, as verdades científicas. No período da ditadura militar, foi usado, muitas vezes, como proteção da face, total ou parcial, como mostra a canção abaixo.

Viola enluarada

Marcos Valle e Paulo Sérgio Valle

A mão que toca um violão
Se for preciso faz a guerra
Mata o mundo, fere a terra
A voz que canta uma canção
Se for preciso canta um hino
Louva a morte.
(...)

Na canção, observamos claramente que da mesma forma que é necessário identificar o sujeito (o cantador), já que o objetivo da canção de protesto era persuadir o público, é preciso protegê-lo das ações militares. Para isso, a metonímia foi o recurso linguístico selecionado pelos compositores, como uma estratégia de proteção parcial da face.

Segundo Maingueneau (2008, p. 108) também são considerados embreantes de pessoas:

- os determinantes **meu/teu, nosso/vosso/seu** e suas formas femininas e plurais;
- os pronomes **o meu/o teu, o nosso/o vosso, o seu** e suas formas femininas e plurais.

Benveniste (1988, p. 288) conclui que

Os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para essa revelação de subjetividade na linguagem. Desses pronomes dependem por sua vez outras classes de pronomes, que participam do mesmo *status*. São os indicadores da *déixis*, demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações espaciais e temporais em torno do “sujeito” tomado como ponto de referência: “isto, aqui, agora” e as suas numerosas correlações “isso, ontem, no ano passado, amanhã, etc. Têm em comum o traço de se definirem somente com relação à instância de discurso na qual são produzidos, isto é, sob a dependência do *eu* que aí se enuncia.

2. O tempo

A noção de tempo também é de grande importância discursiva. De alguma forma, toda língua distingue o tempo, sempre utilizando como ponto de referência o presente – “a coincidência do acontecimento descrito com a instância do discurso que o descreve” (BENVENISTE, 2008, p. 289).

O autor (2008, p. 289) adverte que, embora o *Dictionnaire general* defina *presente* como “o tempo do verbo que exprime o tempo em que se está”, devemos tomar cuidado, pois “não há outro critério nem outra expressão para indicar o ‘tempo em que se está’ senão tomá-lo como ‘o tempo em que se fala’”.

Tal teoria discursiva é reforçada pela visão filosófica de Agostinho (*apud* Fiorin, 1999, p. 132) quando afirma que

nem o futuro nem o passado são. Por isso, diz-se de maneira imprópria que os tempos são três o pretérito, o presente e o futuro. Dir-se-ia de maneira muito mais própria: os tempos são três, o presente do pretérito, o presente do presente e o presente do futuro. Esses últimos estão em nosso espírito e não os vejo em outro lugar. O presente das coisas passadas é a memória, o presente das coisas presente é o olhar, o presente das coisas futuras é a espera.

Nessa perspectiva, observamos que há a necessidade de distinguirmos os *tempos físico e crônico* do *tempo da língua*, que é ligado ao exercício da fala e ordenado como função do discurso. Nesta pesquisa, interessa-nos o tempo linguístico e seus dois sistemas:

a) sistema enunciativo: relacionado diretamente ao momento da enunciação;

b) sistema enuncivo: ordenado em função de momentos de referência instalados no enunciado.

Fiorin (1999, p. 142) ressalta que o discurso instaura um *agora* - o momento da enunciação – que fundamenta as oposições temporais da língua, da seguinte forma

ontem, anteontem ----- hoje, agora ----- amanhã, depois de amanhã

2.1 Presente (tempos enunciativos)

Marca a coincidência entre o momento do acontecimento e o momento de referência presente, não importando se a simultaneidade é real ou não. – “A linguística não opera com o mundo “real”, mas com o mundo da linguagem e, por conseguinte, com os efeitos de sentido.” (FIORIN, 1999, p. 251). O autor (1999) propõe que a temporalização enunciativa seja representada da seguinte forma:

- MR Presente (tempos enunciativos)

Concomitância 1:

a) presente pontual: quando existe coincidência entre o MR (momento referencial) e ME (momento enunciativo);

Carcará

João do Vale e José Cândido

Carcará,
pega, mata e come.
(...)

b) presente durativo: quando o MR é mais longo que o ME. A duração pode ser pequena ou muito longa, contínua (presente de continuidade) ou descontínua (presente iterativo);

Apesar de você

Chico Buarque

Hoje, você é quem manda
Falou, tá falado
Não tem discussão.
(...)

c) presente omnitemporal ou gnômico: quando o MR é ilimitado e, conseqüentemente, é o momento do acontecimento. Tem efeito de verdade irreversível e é comumente utilizado em provérbios e definições.

Bom conselho

Chico Buarque

Quem espera, nunca alcança.
(...)

Não concomitância 1:

a) Pretérito perfeito 1: indica anterioridade do momento do acontecimento em relação ao momento de referência presente.

Apesar de você

Chico Buarque

Você que inventou a tristeza
Ora tenha a fineza de desinventar.
(...)

b) Futuro do presente 1: indica posterioridade do momento do acontecimento em relação ao momento de referência presente.

Vai passar

Chico Buarque e Francis Hime

Vai passar (passará)
Nessa avenida
Um samba popular
(...)

A partir do MR presente – momento da enunciação – ordena os tempos em dois subsistemas – MR Pretérito (subsistema de anterioridade) e MR Futuro (subsistema de posterioridade)

2.2 Subsistema de anterioridade: momento referencial pretérito (tempos enuncivos)

Concomitância 2:

a) pretérito perfeito 2: é concomitante em relação a um momento de referência pretérito. Tem valor aspectual limitado, acabado, pontual, dinâmico.

A banda

Chico Buarque

Estava à toa na vida
meu amor me **chamou**
pra ver a banda passar
cantando coisas de amor.
(...)

b) pretérito imperfeito: marca uma relação de anterioridade entre o momento do acontecimento e o momento de referência presente. Tem valor aspectual não limitado, inacabado, durativo, estático.

João e Maria

Chico Buarque

(...)
Eu **enfrentava** os batalhões
Os alemães e seus canhões
(...)

Não concomitância 2:

a) **pretérito mais-que-perfeito:** marca uma relação de anterioridade entre o momento do acontecimento e o momento de referência pretérito. Seu aspecto é sempre perfectivo.

Super-homem

Gilberto Gil

(...)
minha porção mulher
que até então se **resguardara**
(...)

b) **futuro do pretérito simples:** exprime uma relação de posterioridade do momento do acontecimento em relação a um momento de referência pretérito. Tem caráter de antecipação imaginária. É imperfectivo.

Agonia

Oswaldo Montenegro

Se fosse resolver
iria te dizer
foi minha agonia
(...)

c) **futuro do pretérito composto:** marca um fato posterior em relação a um momento de referência pretérito. Indica um fato anterior a um acontecimento futuro (pretérito imperfeito do subjuntivo) ou a um outro momento que não o de referência, expresso por uma indicação de tempo. É perfectivo.

Naquela noite

Cláudio Cartier/Guto Marques

(...)
Ah! Se eu soubesse que era um sonho
Eu não **teria acordado**
(...)

2.3 Subsistema de posterioridade: momento referencial futuro (tempos enuncivos)

Concomitância 3:

a) **Presente do futuro:** sem forma específica em português. É expresso por um futuro do presente simples ou um futuro do presente progressivo

(futuro do presente do auxiliar *estar* + gerúndio) correlacionado a um futuro do presente do subjuntivo introduzido por uma conjunção.

Amanhã

Guilherme Arantes

Amanhã, **será** um lindo dia
(...)

Não concomitância 3:

a) Futuro anterior: em português, o futuro do presente composto.

O índio

Caetano Veloso

(...)
E aquilo que nesse momento se revelará aos povos
Surpreenderá a todos, não por ser exótico
Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
Quando **terá sido** o óbvio.

b) Futuro do futuro: indicado pelo futuro do presente simples.

Todo o sentimento

Chico Buarque/Cristóvão Bastos

(...)
Depois de te perder
Te encontro com certeza,
Talvez num tempo da delicadeza,
Onde não **diremos** nada
Nada aconteceu
Apenas seguirei, como encantado
Ao lado teu.

2.4 Advérbios, preposições, locuções e conjunções temporais

Os advérbios de tempo, as preposições e locuções prepositivas temporais e as conjunções temporais também se articulam em categorias topológicas concomitância vs não concomitância (anterioridade vs posterioridade), demarcando o tempo linguístico.

Procissão

Gilberto Gil

Olha lá vai passando a procissão
Se **arrastando que nem cobra** pelo chão
As pessoas que nela vão passando
Acreditam nas coisas **lá** do céu
As mulheres cantando tiram versos
Os homens escutando tiram o chapéu
Eles vivem penando **aqui na terra**
Esperando o que Jesus prometeu

(...)

Dessa forma, por todas as marcas discursivas descritas, podemos verificar que a produção musical do período da ditadura militar esteve de mãos dadas com a construção da história do país, identificando um enunciador que se posiciona como sujeito social através da arte, de forma a construir uma imagem – o *ethos* – para veicular sua mensagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes / Universidade Estadual de Campinas, 1988.

_____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2008.